

José António Saraiva

SALAZAR E A SUA ÉPOCA

2. Do Terreiro do Paço a S. Bento

gradiva

Índice

PRÓLOGO.....	9
--------------	---

PRIMEIRA PARTE

DE 1914 A 25 DE MAIO DE 1926

1. Portugal e a Guerra	13
A euforia belicista	13
Recuo inglês sem consequências.....	15
As grandes pressões.....	19
Salazar no Convento dos Grilos.....	20
Viva a Guerra!	23
O Movimento das Espadas.....	23
A Coimbra católica	26
Regresso revolucionário ao poder	27
Atentado no comboio.....	30
A vez de Affonso Costa.....	32
Tertúlia nos Grilos	35
Affonso Costa restabelecido	37
O confisco dos navios alemães.....	37
Carnificina segue na Europa.....	41
Primeiros passos como professor.....	43
Affonso Costa em Londres.....	46
O acampamento de Tancos	48
O obreiro do «milagre»	50
A ida para França: motins e deserções.....	52
Uma partida envergonhada	54
Salazar aprovado com distinção	56
A chegada à Flandres	58

Nas trincheiras	60
As movimentações dos católicos.....	63
Uma democracia ilusória	64
Os vira-casacas.....	66
Um país católico e monárquico.....	67
Do pão à batata: a falta de géneros.....	69
 2. Um Parêntese na República	 73
Sidónio: a aparição.....	73
Lisboa a saque.....	75
A sorte dos vencidos	79
Um Presidente no exílio	86
De Berlim ao Terreiro do Paço.....	87
Os dias seguintes.....	88
O apoio dos católicos	90
Um partido nacional	93
A vida no <i>Front</i>	96
Três horas trágicas	101
Lágrimas e recriminações	107
A desilusão dos exilados	110
A República Nova.....	113
A primeira ida às urnas dos católicos	115
As ambiguidades do operariado	119
A indignação do Presidente exilado	120
Uma nova solenidade	121
A gripe espanhola e o tifo.....	124
O país aos pedaços	126
Um regresso ao miguelismo?	128
A Leva da Morte.....	130
A euforia do fim da guerra	132
Portugal ignorado.....	135
O fim abrupto do sonho	136
A ressaca	140
O regresso dos monárquicos	145
O último suspiro da Monarquia	147
Uma amostra na capital	151
A resistência no Porto	154
 3. O Regresso da República Velha.....	 157
Salazar acusado de propaganda monárquica.....	157
O país num impasse.....	162

A ameaça soviética	163
A nova e alegre Europa.....	164
Uma sensação de <i>déjà vu</i>	167
Um laboratório social.....	169
A instabilidade política.....	171
Salazar deputado	174
Uma enorme humilhação.....	178
A Noite Sangrenta.....	180
A ameaça nazi-fascista.....	190
Portugal em dificuldades.....	193
Uma viagem ao Brasil	194
Salazar e a «nova» estratégia dos católicos.....	195
O impensável elogio republicano à Igreja	201
Férias estragadas na Figueira.....	203
O estado calamitoso do Exército	204
O último acordo entre militares e políticos.....	208
Exército <i>versus</i> GNR.....	209
Afonso Costa, um fugaz regresso.....	210
Democráticos aos seus pés	212
A incógnita europeia	213
O despertar do político	216
Viagem à Madeira	218
O golpe dos generais.....	221
Conspiração na prisão.....	228
Anarquia dentro e fora do Parlamento	229
O golpe de Cabeçadas.....	232
A pátria está doente.....	234
A República às voltas.....	237
A grande burla	237
A chegada de D. Maria	241
O início do fim.....	241
O tinir das espadas	242

SEGUNDA PARTE

DE 27 DE ABRIL DE 1928 A 27 DE JULHO DE 1932

1. O Ministério de Vicente de Freitas	249
Salazar no Governo pela segunda vez	249
O equilíbrio financeiro	252
Uma nova morada.....	253
Economia <i>versus</i> finanças	257
O empréstimo externo.....	257

Apoio e críticas na tropa.....	260
O partido dos descontentes	264
A primeira crise.....	266
Salazar, um homem novo	270
Os dois vícios dos portugueses.....	272
Uma perna partida e boas notícias.....	276
A crise derradeira.....	280
 2. O Ministério de Ivens Ferraz.....	 287
Diálogo difícil.....	287
Os restos da República.....	294
Novas divisões nos militares	296
Salazaristas desafiam o poder.....	300
Um segundo braço-de-ferro	303
Salazar e a Grande Depressão	308
O choque com Cunha Leal	309
 3. O Falhado Ministério de Passos e Sousa	 315
Horas de incerteza em Belém	316
 4. O Ministério de Domingos d'Oliveira	 321
Cunha Leal demitido	322
Rebelião em Luanda.....	325
Um acaso importante	330
No topo.....	331
O momento de separação das águas	335
A «ordem», questão central da nação.....	338
O sistema «perfeito»	341
O destino dos deportados	344
Portugal e Espanha: caminhos opostos.....	350
A Revolta da Madeira.....	352
O sabor amargo da derrota	355
A Revolta dos Aviadores e os budistas.....	357
O Regime consolida-se	359
A redacção da nova Constituição.....	361
Finalmente, o poder por inteiro	367
 <i>Post scriptum</i>	 371
Notas	375
Fontes	385

Prólogo

Nascido em 1889, precisamente no ano em que D. Carlos sobe ao trono, os primeiros vinte e um anos da vida de António d'Oliveira Salazar correspondem ao período do estertor da Monarquia em Portugal. O pequeno vem à luz no Vimieiro, uma pequena aldeia próxima de Santa Comba Dão, no seio de uma família remediada. É lá que faz a instrução primária, com um mestre-escola amador, seguindo depois para o seminário de Viseu, após um ano de espera por razões desconhecidas.

No tempo do seminário faz a primeira grande amizade e, através de uma irmã, conhece a primeira namorada. Percebe, além disso, que a sua vocação não é o sacerdócio.

Apostado em mudar de orientação, inscreve-se como aluno externo no liceu de Viseu, e faz os sete anos do curso em tempo recorde, aproveitando a bagagem que traz do seminário. Matricula-se a seguir na Universidade de Coimbra — onde começa as aulas em Outubro de 1910, na precisa altura em que ocorre a revolução republicana.

Os anos em Coimbra, onde obterá altas classificações, serão também tempos de aprendizagem política e social. Frequenta a casa da madrinha, que pertence à aristocrática família Perestrello, e conhece a alta sociedade coimbrã. É convidado

para serões em casa de famílias em geral conservadoras. Na universidade relaciona-se com estudantes católicos que militam no Centro Académico da Democracia Cristã (CADC), um instrumento de luta contra o jacobinismo republicano.

Aí combate ao lado de Cerejeira e outros companheiros com quem manterá amizade pela vida fora.

Entretanto, o Partido Republicano Português, que assumira o poder depois da implantação da República, dividira-se em 1911 — ficando o seu tronco principal chefiado por Affonso Costa. Passara a ser conhecido como Partido Democrático e extremara-se. Em Coimbra, os confrontos entre católicos e republicanos radicais agudizam-se — e a cidade é palco de autênticas batalhas campais.

Em 1914 começa a guerra na Europa e ocorrem novas divisões no país. Uns defendem que só devemos proteger as possessões africanas, Angola e Moçambique, outros querem que combatamos na Flandres, ao lado de franceses e ingleses. O Partido Democrático é o grande defensor desta ideia e Affonso Costa torna-se o seu principal propagandista, contra a vontade da Inglaterra e mesmo da França.

É aqui que se inicia este volume.